

FERREIRA MARTINS, I. M. - *Reasons for Mary's choice. Approaches for biblical theology on the christian virginity from Lc. 1, 34.* p. 235-258

The analysis of reasons why a married woman, under a Jewish marriage, allows a virginity plan (cf. Lc. 1, 34), runs side by side with the basis of biblical celibacy for the kingdom of Heaven (cf. Mt. 19, 2). The study meets the singularity of the case and goes towards a solution within the text itself.

CARVALHO, Mário Santiago de - *Two translations of the arabic philosophy in mediaeval Portugal: João de Sevilha e Lima and Afonso Dinis de Lisboa (in the 8th centenary of Averroes's death).* p. 259-271

Burnett's study on the nationality of João de Sevilha e Lima is revised. The original of Afonso Dinis de Lisboa about Averroes's treatise On the First Principle is translated and explained.

SOUSA, Joaquim Francisco Saraiva de - *Jürgen Habermas: Universal pragmatics and the theory of communicative Action. I* p. 273-322

Setting the theme of normative basis of the critic theory of society, Habermas doesn't recognize philosophy its traditional status as a way of thinking free from postulations. The controversy between Gadamer and Habermas as well as the discussion about psychoanalysis as a model for a critic theory already showed that communication theory could give the normative basis required by the critic theory. However, it was the comparison with analytic philosophy of language and the theory of speaking acts that led Habermas to make up the idea of a universal pragmatics and, further on, the theory of communicative action, taking for this purpose the problematic of language philosophy.

In this essay we deal with basic notions of universal pragmatics and its epistemologic praxis and afterwards the theory of communicative action will be studied towards a better aid to build an after-metaphysics thought.

MOURÃO, José Augusto - *The letter and the blow.* p. 323-336

Notas e Comentários

Terapia genética e ética

1. A técnica da terapia génica baseia-se na técnica de introduzir determinados genes em células das pessoas doentes com o objectivo explícito de curar ou prevenir determinadas doenças, adquiridas ou herdadas, pela transmissão génica.

A primeira experiência eficaz em seres humanos fez-se em 1990; e é grande a esperança de solucionar doenças hereditárias tais como a hemofilia, a diabetes hereditária, a fibrose quística, o cancro e outras adquiridas v. g. questões cardiovasculares, etc.

A terapia preventiva funcionaria pela transferência de genes adequados para pessoas predispostas para determinadas doenças que se manifestarão ao longo da vida pessoal. Esta informação pode advir do conhecimento da transmissão hereditária, pelas análises aos genes ou pré-diagnóstico em embriões ou em pessoas predispostas para determinada doença. É muito provável que esta técnica possa ser simplificada por meio da produção de fármacos que possam sintetizar os genes adequados em vista da prevenção ou tratamento.

2. A técnica de terapia genética ainda não conseguiu a possível correcção das células germinais, os ovócitos e os espermatozoides, transmissores das cargas hereditárias, incluindo as doenças. Para já a cura é apenas das células somáticas, é portanto das pessoas que têm ou poderão vir a ter problemas.

A eventual cura das células germinais resolveria as questões futuras. A temática é delicada, é complexa porque um eventual erro também atingiria os descendentes. Por isso mesmo a engenharia genética está numa fase de grandes possibilidades e de eventuais riscos. Será possível «melhorar» as pessoas com deficiências, debilidades físicas, psicossomáticas, etc. ou até desenvolver capacidades de memória, crescimento físico, desenvolver resistências em ambientes tóxicos. Em última instância poderemos alimentar a esperança de melhorar o potencial intelectual, temperamental, caracteriológico, etc.

Para já, note-se, que é diferente reintegrar ou normalizar alguma deficiência e tentar o «melhoramento» das pessoas ou das raças.

3. Tudo o que pretenda e consiga auxiliar as pessoas a disfrutar duma vida sadia, operativa e solidária, deve ser promovido, recorrendo aos meios científicos e técnicos razoáveis que não alterem o património sadio do ADN da humanidade. A correcção dos defeitos cromossómicos e a transferência de genes que possa corrigir deficiências pessoais são de promover, desde que sejam respeitadas e promovam a fundamental dignidade e liberdade humanas.

A terapia génica já conseguida e a previsível poderá incluir as células germinais em que eventualmente se possam corrigir e prevenir a transmissão de doenças. Tudo o que seja de promover o que é benéfico e eliminar o pernicioso, é legítimo e até aconselhável.

4. Parece claro que seria reprovável utilizar estas técnicas para promover o eugenismo insensato pela modificação do património genético humano, promovendo o aborto, a infertilidade sem razões válidas e, pior ainda, sem o consentimento informado das pessoas envolvidas no processo.

A cura ou melhoramento procurados devem ter em conta o respeito pela identidade de cada pessoa, pela sua liberdade, conscientes que cada ser humano é sempre um sujeito único e que não deve ser tratado como objecto, mesmo que os fins pareçam bons e os meios razoáveis.

E quando se refere a autonomia e a diferença pessoal, isto deve ser entendido desde o início da vida humana até à morte cerebral. Por isso mesmo, tentando curar o genoma humano não é legítimo destruí-lo ou criar grupos de «diferentes» por uma intervenção desajustada, em termos éticos. Tudo o que se faça deveria ser para corrigir as «deformações» e ajudar cada sujeito a atingir o seu melhor, sem perder ou desorientar a própria identidade pessoal.

5. A combinação adequada entre princípios éticos e as descobertas científicas nem sempre é fácil. O pensamento antropológico, filosófico e teológico deve ser fiel ao que é da ordem do dogmático e definitivo e aberto, crítico, avaliativo e ponderado acerca da evolução científica e à resposta adequada da ética que deve reflectir e, eventualmente, evoluir na avaliação e ponderação dos valores em causa de modo a encontrar pontos de diálogo entre ciência e ética.

Sob o ponto de vista teológico recebemos a informação da Revelação que ensina: os seres humanos são imagem de Deus pela inteligência e vontade, com capacidades de conhecer e orientar a criação. Nesta perspectiva a ciência, a técnica e a sabedoria são expressões dessa semelhança com Deus criador. A criação foi confiada à humanidade para a «curar» dos defeitos ou eventuais «erros ocasionais», mesmo a nível do património genético; enquanto se conserva o respeito pela imagem do Criador, deve promover a capacidade da pessoa sadia, inteligente e livre, favorecendo a autonomia possível como sujeito único.

6. Esta combinação no uso científico das técnicas, segundo a recta sabedoria, exige que os seres humanos, todos com idêntica dignidade, sejam tratados com

respeito objectivo e subjectivo, de modo que a natureza biológica da humanidade seja preservada, em que o corpo e o espírito constituem uma unidade substancial indissociável. De facto o ser humano só existe como uma unidade psicossomática viva que engloba físico e psíquico, história, cultura, experiências e projecto de auto-realização solidária a partir do herdado, transmitido e do conseguido pela intervenção do sujeito livre com a eventual ajuda científica e médica. Tudo o que se faz no corpo humano atinge a totalidade pessoal; por isso mesmo, previamente, tudo deve ser ponderado em função do bem maior ou mal menor, sem sacrificar o essencial de ser pessoa única, exclusiva, irrepetível e com vocação de liberdade. Lutar contra a doença e a morte é uma forma de exercer a fraternidade efectiva e é um dever de todos.

7. O princípio da beneficência na aplicação das terapêuticas, ponderando os riscos e os benefícios fundadamente esperados, parece que poderá ser aplicado neste aspecto da terapia génica, e até germinal, porque poderá resolver um problema pessoal e erradicar doenças transmissíveis; é benefício para os actuais doentes e previne o futuro de gerações que seriam atingidas negativamente. Estas intervenções seriam legítimas desde que se acautelem os riscos nocivos secundários para o futuro das gerações.

Devemos distinguir a situação das pessoas actuais e respectiva cura, por sua participação livre ou por quem legitimamente as represente. Quanto à intervenção nas células germinais, enquanto não forem avaliados e controlados os eventuais riscos para o futuro dos descendentes, parece que devem ser diferidas e adiadas essas intervenções porque os riscos podem superar o efectivo benefício pessoal e social.

8. Quanto mais complexa for a questão mais se devem ponderadamente medir os riscos. E neste caso trata-se de um problema central que eventualmente poderá comprometer o futuro dos descendentes. Ninguém tem o direito de impôr aos vindouros as próprias preferências e critérios, porque seria decidir antecipadamente por eles. Parece evidente que seria incorrecto, contra o princípio da comum dignidade e igualmente pretender, pela modificação genética, criar uma raça ou grupo de indivíduos fora do estatuto de identidade e fraternidade comum da humanidade. A tentação científica e política de investir na aventura de usar as pessoas como meios, deve ser vigiada e controlada, para evitar a hipótese de «fabricar» uma nova espécie a partir do género humano que não poderia cruzar com a espécie humana que desenvolveu a ciência, a técnica, a cultura, as religiões na busca da felicidade de ser autónoma e solidária, mantendo a liberdade responsável de não comprometer ou hipotecar o futuro.

Assim sendo, a terapia genética somática é de promover e usar. A terapia germinal e a engenharia genética, devem continuar as investigações, em vista de melhorar sem modificar a estrutura fundamental da espécie humana.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.